

**Título:** Ler o futebol de base brasileiro e sul-americano: uma tentativa antropológica

**Autor:** Júlio César Jatobá Palmiéri, doutorando em antropologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

### **Resumo**

Este *paper* traz uma breve discussão sobre como é o trabalho dos *scouts* no futebol de base, ou seja, como trabalham esses analistas do futebol para agências de jogadores ou clubes de futebol. De uma perspectiva antropológica e multi-situada, propõe-se a partir da observação etnográfica uma visão prática sobre como é o processo de análise de um jogador de futebol de base com vistas ao profissionalismo, tanto em âmbito nacional como também internacional. Além da observação sobre as características físicas dos jogadores, dá-se prioridade a parte técnica, isto é, uma construção abstrata que procura encaixar os atletas, a partir do acompanhamento *in loco* das partidas, em categorias prévias, elencando-os em níveis de qualidade na execução dos movimentos básicos e avançados desse esporte. Assim, para além de pensarmos em controle dos corpos e técnicas corporais, vemos também como futebolistas tão jovens são tidos como detentores de capacidades específicas que os classificam de acordo com trabalho, mercadoria, e processos de valorização no futuro. Mostra-se também como essas avaliações e previsões dos *scouts* podem não se concretizar no futuro dessas carreiras.

### **Palavras-chave**

Futebol de base; *scouts*; técnicas corporais; valorização

### **Texto**

O cenário das categorias de base<sup>1</sup> do futebol brasileiro e sul-americano, de modo geral, se diferencia substancialmente daquilo que vemos no âmbito profissional, embora vejamos que nos últimos anos o primeiro venha tentando se equiparar ao segundo e transformar-se no que muitos denominam hoje em dia por “futebol de espetáculo” (Damo, 2007). Parece, cada vez mais, que o *modus operandis* do primeiro nível vai sendo incorporado pelo segundo, este um estágio anterior, que ao mesmo tempo exhibe laços mais flexíveis e movimentações mais intensas. Mesmo com apelo midiático muito abaixo do que se vê entre o futebol adulto, no entanto, o futebol de base representa importante papel nesse esporte já que é dali que saem, ou melhor, é ali que são produzidos jogadores que no futuro comporão o quadro profissional.

Chamo atenção para a passagem entre uma e outra categoria, do infantil ao juvenil, pois exatamente aos dezesseis anos de idade um garoto pode assinar seu

---

<sup>1</sup> A divisão das categorias de base pode variar bastante tanto no Brasil como no resto do mundo. No entanto, o comum é seguir o que propõe a FIFA, que organiza torneios continentais e mundiais de acordo com três principais subdivisões: infantil (sub 15), juvenil (sub 17) e júnior (sub 20).

primeiro contrato profissional e, a partir daí, rumos podem ser tomados e o futuro pode começar a ser escrito. O termo que trago aqui designa essa idade chave do futebol de base no Brasil por “maioridade futebolística”, ainda que ela se distancie um pouco de sua versão legal: esse primeiro contrato profissional precisa ser assinado pelos responsáveis legais, o que faz com que os familiares se tornem ainda mais presentes na construção da carreira futebolística.

O que se propõe aqui está baseado em algumas observações de campo pontuais realizadas ao longo de quase quatro anos de etnografia, multi-situadas (seguindo o conceito de Marcus [1991; 1995]; Silvano [2002]) em vários cenários e que abrangem alguns clubes de futebol (São Carlos FC, CR Vasco da Gama, Clube Atlético Paranaense e Associação Ferroviária de Esportes), seleções de base de Brasil e Uruguai (em ambas, as categorias sub 15 e sub 17), e uma considerável gama de competições do futebol de base no Brasil e na América Latina (dentre estas, Sul-Americano sub 15 [2011, Uruguai], Sul-Americano sub 17 [2013, Argentina], Copa São Paulo de Futebol Júnior [2010, 2011, 2012, 2014], Taça BH [2012], Campeonato Paulista sub 15 e sua 17 [2011], Campeonato Carioca sub 15 e sub 17 [2012]).

De modo mais específico, apresento alguns personagens importantes para a discussão que aqui apresento: em abril de 2013 aconteceu na Argentina o XV Campeonato Sul-Americano sub 17, torneio disputado em duas cidades no oeste do país por dez selecionados diferentes. Os quatro melhores se classificaram para o Mundial da categoria, disputado no Oriente Médio seis meses mais tarde. Entre uma partida e outra conheci e acompanhei o trabalho de dois *scouts* alemães, um a serviço de um clube – o TSG 1899 Hoffenheim – e o outro a uma agência de atletas e treinadores – a Rogon Sportmanagement<sup>2</sup>. Marcus e Uli, respectivamente, acompanharam todo o torneio e fizeram relatórios sobre o que viram em campos sul-americanos em nível de seleções nacionais. A segunda observação se deu através do contato com um *scout* brasileiro que trabalha para o Clube Atlético Paranaense, em parceria com outra agremiação, a

---

<sup>2</sup> Rogon Sportmanagement é uma agência de jogadores de futebol e treinadores. Possui duas sedes na Alemanha, outros três escritórios no Brasil e um nos Estados Unidos. São mais de setenta atletas em todo o mundo com contrato com a empresa e a página oficial na internet está disponível em oito línguas diferentes. É considerada uma das maiores agências de todo o mundo.

Associação Ferroviária de Esportes (AFE). Ao longo do texto veremos como se dá essa relação de modo mais detido<sup>3</sup>.

Como este trabalho se dedica a observar diversos cenários etnográficos, por assim dizer, pode-se contribuir para uma comparação entre o que é realizado em clubes grandes e pequenos, ou ainda entre esses e agências de jogadores. O caráter cientificista de um contrasta-se com a improvisação do outro. Vê-se, por exemplo, clubes que lançam mão de dados, informações, números e estatísticas para melhor entender o que um atleta é capaz de produzir em campo, individual ou coletivamente; e produzem avaliações, relatórios e *dossiês* que muitas vezes definem os caminhos que um futebolista percorrerá no mercado do futebol. De outro lado, improvisação, falta de recursos e infraestrutura para até mesmo alojar jovens futebolistas em testes ou treinamentos; alimentação e suplementação esportiva deficiente se comparada a outros cenários bem mais preparados. O futebol, ainda assim, permite que esses diferentes “universos” se encontrem, se enfrentem e se choquem, produzindo relações. E, na base, isso parece ocorrer de modo incrivelmente intenso.

A postura adotada na pesquisa de campo é a de buscar compreender os futebolistas através de seu contato com o mundo, por assim dizer. Materiais, fluxos, substâncias, luz, som, líquidos e texturas: as coisas são vivas, e os homens também, o que implica dizer que daí emergem as formas de paisagens na qual vivemos. Se estiver frio, é preciso alongar os músculos de modo mais intenso e cuidadoso. Se o campo estiver molhado faz muita diferença e o jogo já não é mais o mesmo. Se a bola quicar antes do goleiro, então... Condições que se colocam ainda mais sensíveis ou decisivas no domínio do aprendizado dos jovens em competição por um espaço tão restritivo que são as categorias de base, onde as avaliações sobre as competências são rigorosas e vão além do aprendizado e incorporação de técnicas corporais. Caminhamos neste sentido ao invés de procurar interromper os fluxos de substância que dão vida às coisas. Ao contrário, é preciso buscar por esses fluxos, por essas interações entre as coisas que cercam esses neófitos. Coisas que, de acordo com Ingold (2012), não são fechadas em suas superfícies “externas e congeladas”. Coisas são e estão vivas, em movimento.

---

<sup>3</sup> O assunto que trago neste texto é parte de um trabalho maior, um projeto de doutorado intitulado “Sobre a valorização do talento: uma etnografia do dom futebolístico”, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Este trabalho é orientado pelo Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo e tem financiamento da FAPESP (Processo número 2010/05065-5).

Antes de existirem elas ocorrem, atuam e sofrem ações. Um exemplo: a bola, instrumento principal desse esporte, é uma coisa criada pelo homem e que possui diversas propriedades, processuais e relacionais e à qual ele se dedica a prever seus reboliços, seus efeitos desconcertantes e suas trajetórias múltiplas. A bola é uma coisa que entra em ação no momento em que é tocada. Se tomada num momento isolado, estacionada sobre o relvado, nada mais é que um objeto. Mas ao rolar, ser chutada, lançada e desejada, interage com o gramado, com os pés dos atletas, com o vento e a chuva e então temos um cenário onde as coisas acontecem, eventos, *hecceidades*<sup>4</sup>. Ou seja, trata-se de apreender as histórias dos que se envolvem já que, como estamos seguindo Ingold, dentre outros, a capacidade para fazer algo é adquirida por qualquer ser vivo à medida que se relaciona com seu meio.

Quando assistia às partidas do torneio sul-americano junto aos dois *scouts* alemães, procurava prender-me aos detalhes e tentar ver como eram seus trabalhos na avaliação de jovens futebolistas de talento. Marcus e Uli trabalhavam juntos naquele torneio, embora cada um com seu objetivo claramente definido. O primeiro não procurava por um atleta específico naquele momento, já que se tratava de futebolistas muito jovens. Sua equipe ocupava posição delicada na Bundesliga<sup>5</sup> e lutava contra o rebaixamento. Preocupado com essa situação, seu trabalho era mapear e escrever relatórios que indicassem uma possível contratação no futuro. Deveria, portanto, especular sobre a capacidade apresentada por aqueles jovens em campo e “marcá-los” como possíveis alvos que sofreriam investidas por parte de seu clube num futuro que, se não distante, parecia imprevisível àquela altura. Quando perguntado, respondeu que se encontrasse um grande jogador naquele torneio e recomendasse a seu clube, despenderiam não mais que 15% sobre o valor total do contrato do futebolista. Seria um “simples” investimento. Segundo me confidenciou, aqueles não eram jogadores preparados para jogar imediatamente na poderosa liga alemã; era preciso ainda esperar a

---

<sup>4</sup> Seguindo Deleuze e Guattari, este conceito se relaciona à noção de movimento, de devir. Tudo pode afetar e ser afetado. Hecceidade representa “relação de movimento e de repouso entre moléculas ou partículas, poder de afetar e ser afetado (...) Uma hecceidade não tem começo nem fim, nem origem nem destinação; está sempre no meio. Não é feita de pontos, mas apenas de linhas. Ela é rizoma” (Deleuze & Guattari, 1997, pp. 47; 50). Este conceito precisa ser aproximado a um outro, o de linhas. Acredito que ao longo do texto esta reflexão ficará implícita num programa teórico aqui ainda considera as ideias de Tarde (2003).

<sup>5</sup> Esse é o nome oficial da Liga Alemã profissional de futebol. Na referida temporada (2012-2013) o Hoffenheim terminou a competição na décima sexta posição com 34 pontos. Para não ser rebaixado à segunda divisão foi preciso disputar um *playoff* (dois jogos, um em casa e outro fora) contra o terceiro colocado da série B, o FC Kaiserslautern. O Hoffenheim venceu ambas as partidas (3 a 1 em casa e 2 a 1 fora) e manteve-se na primeira divisão do futebol da Alemanha.

natural evolução e desenvolvimento de suas carreiras para que um contrato oficial fosse então oferecido.

Já na fase final da competição, as rodadas eram triplas na qual as seis seleções (Brasil, Argentina, Uruguai, Venezuela, Paraguai e Peru) se enfrentavam em busca do título e das quatro vagas para o mundial da categoria. Marcus não se mostrava tão interessado nas partidas quanto seu colega, principalmente porque, como apontado, ele não buscava contratar um atleta imediatamente. Tirava fotos e passeava pelo estádio. Depois se apoiava nas observações de Uli, que fazia relatórios bastante completos, com muitas informações. Ele tomava, de dentro da mochila, uma folha em branco que continha apenas um campo de futebol desenhado em cores suaves, quase imperceptíveis. A partir daí começava a posicionar os atletas de acordo com suas funções e áreas de atuação em campo, nome por nome. A cada ação ele anotava se aquela tinha sido uma participação positiva ou negativa: um bom chute, um bom passe, um bom domínio ou então um passe mal executado, um gol perdido, uma falha na defesa. Ao final de cada partida aquela folha outrora vazia exibia então um sem número de rabiscos, símbolos e pequenos excertos, em alemão e espanhol. De todo este trabalho resultava um relatório bastante completo sobre os torneios e os atletas, submetido à sua empresa. Tive acesso a um desses relatórios produzidos por Uli durante o Campeonato Mundial sub 17 (realizado no México, em 2011). Eram mais de cem páginas de um documento que, segundo ele, se mostrava bastante completo, com o relato de quase todas as partidas observadas no estádio e ainda as demais, pela televisão – ele alugara um carro para percorrer o país vendo os jogos. Trazia as posições dos atletas e os esquemas táticos utilizados pelas equipes, as ações positivas e negativas, substituições, números das partidas, algumas estatísticas e uma análise geral de cada jogo. Elegeu sua seleção do torneio, inclusive com os reservas e, em alguns casos, até uma terceira opção para cada posição. Também apontou para uma avaliação específica dos jogadores, a partir do que chamou de *“Apreciación del potencial y de la perspectiva”*, ou seja, propôs-se a especular sobre o futuro das carreiras dos jovens futebolistas. Além disso, atribuiu notas aos atletas de acordo com dez critérios diferentes: precisão do passe, qualidade de ambas as pernas, drible, único toque na bola quando pressionado, cabeceio, controle da bola, rapidez nas ações, produtividade nos duelos 1 x 1, inteligência e criatividade, posicionamento e antecipação. As notas vão de 1 a 6, sendo que 1 (top), 2 (muito bom), 3 (bom), 4 (regular), 5 (moderado), 6 (mal) e 0 (sem nota). Uli emprestou-me o relatório e pediu muito cuidado, já que aquela era a única cópia que

trazia consigo na Argentina. Li e reli o documento e fiz algumas anotações, lhe devolvendo após dois dias.

Quando perguntado sobre o que procura observar especificamente, ele respondeu: “em um jogador, o mais importante é ser rápido, ou seja, rápido em pensar e em fazer. E, para isso, a técnica é muito importante”. Em dado momento perguntei sua opinião sobre o camisa 10 da seleção brasileira e personagem importante deste trabalho, Matheus Índio. Como já havia notado desde dois anos antes, quando Índio atuava pela seleção infantil, e também no dia-a-dia de seu clube, o Vasco, quando em 2012 ele passou a atuar pelos juvenis<sup>6</sup>, o garoto sempre foi visto como um jogador de grande talento. Fez uma grande competição no Uruguai em 2011 e seguia sendo convocado para a seleção sub 17. Mas Uli pensava diferente:

“Ele tem bom passe e ótima visão de jogo, mas é lento para tocar a bola, para fazer o time jogar. Além disso, repare na quantidade de passes rasteiros que ele dá: são poucos. A bola sempre chega quicando aos pés do companheiro, isso atrasa o jogo e pode impedir uma boa jogada”.

Na sequência, apontou o lateral-esquerdo Ábner como um dos destaques da equipe brasileira. Ábner, de fato, fazia um bom campeonato até àquela altura, com atuações regulares e um gol marcado, algo não muito comum para atletas de sua posição. Mas Uli baseava-se em suas anotações para exprimir aquela opinião. Ábner havia errado poucos passes durante o torneio, exibia força e volúpia tanto na defesa como no ataque e possuía, à época, um porte físico privilegiado para a idade. Mesmo não sendo um jogador tecnicamente primoroso, o que faz com que não chame muito a atenção daqueles que assistem aos jogos, figurava como *top player* na lista do *scout* da Rogon. O jogador não foi ao sul-americano sub 15 em 2011, no Uruguai, por um motivo peculiar: disse Marquinhos Santos, o treinador da seleção à época, que via Ábner um pouco deslumbrado pelo seu desempenho dentro de campo. Consultando pessoas que acompanham de perto o cotidiano do Coritiba FC, seu clube, Marquinhos decidiu-se por não levar o garoto por seu comportamento extracampo, ainda que dentro das quatro linhas já apresentasse bom rendimento desde a categoria infantil. Mais um exemplo, temos aqui, do que pode significar uma análise que considera apenas os

---

<sup>6</sup> Em 2012 realizei etnografia junto às categorias de base do Vasco da Gama em seu centro de treinamentos em Itaguaí-RJ. Foram meses acompanhado as equipes sub 15 e sub 17, em março, abril e novembro daquele ano.

fatores de dentro do campo, ou seja, avaliar futebolistas apenas pelo viés técnico – fatores ligados somente ao jogar – e não considerar outras variáveis externas. Talvez seja impossível vasculhar a vida extracampo de um jovem futebolista. Não há tempo, não há modo de se empreender tamanha tarefa dada a rapidez e a volatilidade do mercado do futebol de hoje em dia.

Outro *scout*, este brasileiro e que vive no interior de São Paulo, embora trabalhe para um clube paranaense, é Gersinho. Em 2013, o Atlético Paranaense acertou uma parceria com a Ferroviária, de Araraquara-SP, e estabeleceu-se, assim, um fluxo de jogadores não aproveitados em Curitiba para defender a cor grená do uniforme da equipe do interior paulista. Meu primeiro contato se deu em Curitiba, através dos dirigentes que comandam o futebol de base atleticano. Conversando com Pedro Martins e Willian Thomas é que pude chegar até Gersinho. Mas, antes, apresento o projeto que me foi exposto e que proporciona a seguinte análise: o futebol permite que clubes com diferentes formas de se manterem e serem administrados, o que implica dizer variados modos de arrecadação de receita e gastos dispendidos, de diferentes tamanhos e localizados em diferentes regiões do país, possam se encontrar em competições ao longo da temporada, ou ainda no mercado de atletas, negociando jogadores em formação ou já profissionais.

O projeto denominado Departamento de Inteligência do Futebol (DIF) foi colocado em prática por esses dois jovens dirigentes a partir do aval dado pelo presidente do Atlético, Mário Celso Petraglia. O Atlético possui uma comissão técnica para cada categoria de base e um coordenador geral que é o responsável pela harmonia entre todas elas. A racionalização empreendida destaca que o clube não comete loucuras na hora de contratar um atleta, de base ou profissional. Não estouram o orçamento e procuram analisar os jogadores friamente, o que significa dizer que não basta que façam um bom torneio para fazer valer o investimento. Se perceberem um bom desempenho em determinada competição, passam a analisar e marcar a trajetória daquele jogador: “preferimos errar com propriedade a arriscar sem critério”, diz Pedro Martins, firmemente; um banco de dados é montado e então a rede de *scouts* é acionada para o acompanhamento detalhado. São seis profissionais deste tipo espalhados pelo Brasil: um no nordeste, um em São Paulo (este é Gersinho), um em Santa Catarina, um no Rio Grande do Sul e dois no Paraná, sendo que um destes fica responsável pela região metropolitana de Curitiba.

Esse bate-papo com os dirigentes do Atlético se realizou numa visita minha ao Centro de Treinamento do Caju, a casa da base e do profissional do clube de Curitiba. Conheci toda a infraestrutura que fica à disposição dos atletas e demais profissionais do futebol. Num dos passeis pelo CT conversei com o treinador Marcelo Vilhena, da equipe juvenil. Marcelo é professor de Educação Física da PUC Minas, atualmente licenciado; está em Curitiba como treinador desde setembro de 2013. Com trabalhos realizados na base do Cruzeiro EC, mostrou-se interessado em meu trabalho e confessou: também faz doutorado, na UFMG, e tenta conciliar o projeto à distância com o trabalho no CT do Caju. Durante a apresentação no Simpósio procurarei mostrar como Vilhena foi contratado pelo Atlético Paranaense, confirmando a lógica cientificista pregada pelo DIF no comando do futebol do clube alvinegro.

Bem diferente é o trabalho realizado no São Carlos FC. Muito distante em termos de infraestrutura física e financeira dos grandes clubes do Brasil, como Atlético e Vasco, em São Carlos o trabalho é árduo na tentativa de se formar uma equipe competitiva e disputar campeonatos de base no estado e no país. São organizadas peneiras pela diretoria do clube, o que atrai futebolistas da região. Estes são alocados em alojamentos que ficam no estádio municipal Luiz Augusto de Oliveira (Luizão), utilizado pelas equipes de base e profissional da Águia da Central. Mas o raio de atuação não é muito grande, o que faz com que apenas atletas das cercanias da cidade aceitem se sujeitarem a viajar e passar a semana confinados em treinamento, para voltarem à suas cidades nos finais de semana em que não há jogos. Um exemplo: entre 2010 e 2011 o São Carlos FC realizou alguns testes com vistas a formar suas equipes infantil e juvenil para a disputa do Campeonato Paulista das categorias. Coordenador de futebol à época, Thomas Tinton afirmou que cerca de mil garotos passaram pelo clube, no referido período, na tentativa de seguir carreira. O Internacional, um clube de tamanho semelhante ao Vasco, fez um trabalho parecido, considerando o mesmo período, com cerca de quatro mil garotos. São Carlos e Inter, inclusive, mantiveram uma parceria na qual intercambiavam atletas de base nesta época, daí os números representarem um quadro real. O fato é que a amostra dos gaúchos é muito maior que a dos paulistas, e isso faz sentido se compararmos os grandes clubes brasileiros aos pequenos. Mesmo assim, o futebol é um esporte que permite a permuta entre eles, bem como extrema fluidez na circulação de seus personagens, algo que já é notado quando desviamos nossos olhares apenas para o futebol de base.



Em 2014, por exemplo, São Carlos e Internacional encontraram-se nas oitavas de final da Copa São Paulo de Futebol Junior (sub 20, portanto). A boa campanha realizada até então pela equipe do interior paulista surpreendia a todos, inclusive a quem trabalhava no clube à época, tamanhas e diversas foram as dificuldades na montagem do elenco. O pequenino São Carlos topou com os então campeões brasileiros da categoria e deu muito trabalho. O empate em 1 a 1 durou até os últimos cinco minutos de jogo, quando uma bobeira da defesa são-carlense permitiu que os colorados vencessem e passassem à fase seguinte. Antes, no mesmo torneio, o pequeno clube azul, branco e amarelo do interior paulista já havia superado outros dois grandes do futebol brasileiro: Coritiba e Palmeiras.

Trago agora o que vi e ouvi no Uruguai com relação à produção de futebolistas e recrutamento pelas seleções de base celestes. Com a intenção de comparar como se faz futebol de base aqui no Brasil e em nossos vizinhos de mais ao sul, dada a tradição e sucesso alcançados pelos uruguaios ao longo da história do futebol mundial, percebemos que, com relação aos clubes, não há muita diferença. Conheci de perto o projeto de duas equipes da capital Montevideu: Club Nacional de Fútbol e Danúbio FC. Ambos recrutam jovens futebolistas através das conhecidas peneiras, em testes que buscam identificar a boa capacidade para jogar futebol desde quando ainda muito pequenos. O porte físico também é importante, mas, como veremos logo a seguir, esse fator pode não se mostrar tão desejado logo num primeiro momento.

A diferença principal se dá em relação à amostragem. Ora, nosso país tem cerca de 200 milhões de habitantes e, à parte o fato de possuímos um território com dimensões continentais e considerável variabilidade socioeconômica e até mesmo cultural, o que pode levar jovens a diversos caminhos pela vida, no Uruguai vivem apenas cerca de três milhões de habitantes. Encontrar um jovem que se destaque desde cedo na prática futebolística é muito mais difícil que no Brasil.

O que fazem, então, nossos vizinhos? As seleções de base se organizaram a ponto de conseguirem contar com a presença de quase todos os atletas que despertam interesse e trabalhá-los com vistas a formá-los como jogadores de alta qualidade. Para além do trabalho realizado nos clubes, a seleção também exerce esse papel, pelo fato de que as condições geográficas são muito favoráveis. Mais da metade da população do país vive em Montevideu; dos dezoito clubes que disputam a primeira divisão do

campeonato uruguaio, dezesseis tem sede na capital, o que facilita o trabalho de observação e recrutamento. Conheci o quartel general das seleções uruguaias – o *Complejo Deportivo Celeste* – e, em conversas com o treinador da equipe juvenil, Fabian Machado e com o coordenador geral, Eduardo Belza, explicaram-me que durante todo o ano, três dias por semana, recebem no local jogadores elegíveis à seleção; ficam em treinamento e são observados, seguindo um plano de análise e formação de futebolistas que congrega seis campos específicos: tático, técnico, físico, psicológico, social e médico<sup>7</sup>. A *Asociación de Fútbol Uruguayo* (AUF) faz com que seus coordenadores, em cada categoria, viajem a todos os departamentos do país para dar palestras, conversar com os jogadores e clubes e passar a filosofia de trabalho da seleção para captação e preparação de novos jogadores. Mais do que trabalhar os seis campos específicos, Belza diz que é preciso fazer com que os garotos entendam o que significa vestir a camisa celeste e representar o país jogando futebol. De lambuja vem controle e vigilância.

A intenção é inculcar formas de jogar, modos de preparação específicos e padronização do comportamento de jovens até a fase adulta, quando servirão o selecionado principal. Com uma população pequena, os uruguaios não podem se dar ao luxo de excluir um garoto que desponte, mesmo que ele seja fraco fisicamente. Isso será trabalhado com o tempo, paralelamente com as outras áreas visadas por essa filosofia de formação de jogadores. Um garoto pode ser grande e forte o bastante para ser o dobro em tamanho que um parceiro de mesma idade. Ele se sobressairá por alguns anos, mas não terá tempo de aprender tudo aquilo que é exigido por um jogador profissional de alto nível no que diz respeito à técnica. Aquele que demonstra esta boa capacidade será trabalhado semanalmente no *Complejo Celeste* e em seu clube e, com o tempo, deixará os demais para trás.

Como mote de comparação, notamos que entre Brasil e Uruguai, mesmo com toda a diferença existente nos processos de captação, formação e produção de novos futebolistas, se assemelham muito no aproveitamento. Explico: entre 2011 e 2013, considerando a mesma geração de atletas (1996/97), mantiveram-se em ambas as seleções os mesmos oito jogadores entre os torneios sul-americanos disputados (sub 15

---

<sup>7</sup> O projeto é denominado “*Institucionalización de los Procesos de las Selecciones Nacionales y de la Formación de sus Futbolistas*”. São quatro as seleções contempladas: sub-15, sub-17, sub-20 e profissional. O projeto é encabeçado pelo treinador da seleção principal, Óscar Tabarez, desde 2006.

e sua 17). Como de costume no meio futebolístico, o controle de corpos (seguindo Foucault [2006]) e, ainda mais, das mentes dos futebolistas é um processo intrínseco ao futebol moderno que temos hoje em dia. Mas percebemos a existência de formas distintas de captação e formação de futebolistas. No Uruguai, o número muito baixo de jovens que surgem a cada ano, a cada nova temporada, não permite que se percam possíveis promessas, ainda que num primeiro momento o garoto não apresente tudo aquilo que se espera de um “fora de série”. Eles trabalham e procuram desenvolver capacidades que, no futuro, podem se revelar muito úteis na condução de uma carreira profissional de futebol.

Paralelamente, a voracidade do mercado futebolístico pode não aguardar pelo tempo e, como vimos, agências de jogadores e clubes de cenários mais centrais do futebol mundial, notadamente europeus, buscam desde muito cedo futebolistas altamente capacitados. As figuras de Uli e Marcus nos mostraram como é realizado este trabalho. Ainda durante o Sul-Americano sub 17 na Argentina, assistíamos a uma partida da fase final quando Uli apresentou-me um amigo, também *scout*, chamado Pablo. Argentino de nascimento, trabalhou por cinco anos no FC Barcelona e atualmente é o representante do inglês Manchester City na região sul da América Latina – cobrindo Argentina, Uruguai e Chile. De costas para o gramado enquanto jogavam Venezuela e Peru, Paulo recusou-se a observar os movimentos em campo com a mesma atenção dispensada por Uli, justificando-se: “*No, estos no. Son todos malos*”<sup>8</sup>. Sua opinião indicava que aqueles jovens jogadores não tinham condições de atuar num clube como Manchester City, e mais, também não teriam como se desenvolver a ponto de atingir o subjetivo nível pré-estabelecido por aquele *scout*. Uli e Marcus também seguiam pré-requisitos quando da observação das partidas, principalmente em relação a questões técnicas, como exposto, e também em relação à parte física, do que falarei mais na apresentação.

Como conclusão, e de modo a nos distanciar um pouco da visão e prática empreendidas por nossos personagens, os *scouts*, podemos nos aproximar, em alguma medida, daquilo descrito por Bateson sobre um povo da Nova Guiné – os Iatmul – e reproduzir tais ideias de modo a enxergar no cenário de vida de jovens futebolistas um estrato que aglutina, ou melhor, que agrega uma série de pequenas células imbricadas

---

<sup>8</sup> Em tradução livre: “Não, estes não. São todos ruins”.

entre si em emaranhados de relações. A linha teórico-argumentativa aqui utilizada caminha junto à fala do etnólogo inglês:

“Um ser humano chega ao mundo com potencialidades e tendências que podem ser desenvolvidas em várias direções, e é perfeitamente possível que indivíduos diferentes tenham potencialidades diferentes. A cultura em que ele nasce enfatiza algumas de suas potencialidades e suprime outras, além de atuar seletivamente, favorecendo os indivíduos mais bem dotados com as potencialidades preferidas na cultura e discriminando os que apresentam tendências estranhas. Dessa maneira a cultura padroniza a organização das emoções” (Bateson, 2008, p.169).

Assim é o futebol. Veja, não estamos aqui propondo o termo “cultura futebolística”, mesmo porque pensar em “cultura” já pressupõe complicados debates e inserções teóricas que aqui não nos cabe, pelo menos não neste momento. Mas o fato é que vemos este esporte, talvez o mais popular do mundo, apenas como a expressão de um estrato que tenciona e de algum modo controla uma série de relações, uma série de pedaços ou feixes de vidas. E, como visto em campo, uma ou outra destas vidas, em algum momento, pode tomar um rumo inesperado e escapar a esta nuvem de relações. Há um sem número de outras forças – ou outras manchas, outras massas – estamos certos, que também exercem influência e moldam a experiência e as sensações destes mesmos futebolistas e, evidentemente, de todas as outras pessoas e coisas. Da parte que nos cabe, ao menos, temos aqui uma breve percepção.

### **Bibliografia**

**BATESON, G.** 2008. *Naven: um exame dos problemas sugeridos por um retrato compósito da cultura de uma tribo da Nova Guiné, desenhado a partir de três perspectivas*. São Paulo: Edusp.

**BITTENCOURT, Fernando G.** 2009. *No reino do quero-quero: corpo e máquina, técnica e ciência em um centro de treinamento de futebol – uma etnografia ciborgue do mundo vivido*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFSC.

**DA MATTA & ALLII.** 1982. *Universo do futebol*. Rio Janeiro: Pinakothek.

**DAMO, Arlei.** 2007. *Do Dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed. Anpocs.

**DELEUZE & GUATTARI.** 1995. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vols. 1,2,3,4,5. São Paulo: Editora 34.

**ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric.** 1992. *A Busca da Excitação*. Lisboa: Difel.

**FOUCAULT, Michel.** 2006. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.

- INGOLD**, Tim. 2002. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 2011. *Being Alive: essays on movement, knowledge and description*. New York: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 2012. “Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais”. In: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 18, n. 37, pp. 25-44, jan/jun.
- MAGNANI**, JOSÉ .G. 2000. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: *MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca. (orgs.). Na Metrópole textos de antropologia urbana*.
- MARCUS**, George. 1991. *Identidades passadas, presentes e emergentes: requisitos para etnografias sobre a modernidade no final no século XX ao nível mundial*. Revista de Antropologia USP, v.34.
- \_\_\_\_\_. 1995. Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography. In: *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, California, vol.24, pp. 95-117.
- MAUSS**, Marcel. 1993. *Manual de Etnografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- \_\_\_\_\_. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- PALMIERI**, Júlio C. J. 2009. *Quanto vale um talento? Uma análise antropológica sobre a valorização e circulação dos jogadores de futebol profissional no mercado esportivo*. Dissertação de mestrado apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS-UFSCar).
- RIAL**, Carmem. 2008. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. In: *Horizontes Antropológicos*. Vol.14, no.30, Porto Alegre.
- SILVANO**, F. 2002. *José e Jacinta nem sempre vivem nos mesmos lugares: reflexões em torno de uma experiência de etnografia multi-situada*. Lisboa: Cosmos, pp. 53-79.
- TARDE**, G. 2003. *Monadologia e Sociologia*. Petrópolis: Vozes.
- TOLEDO**, Luiz Henrique. 2002. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp.
- \_\_\_\_\_. 2009. (Org). *Visão de Jogo: antropologia das práticas esportivas*. São Paulo. Editora Terceiro Nome/FAPESP.
- WACQUANT**, Loic. 2002. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.